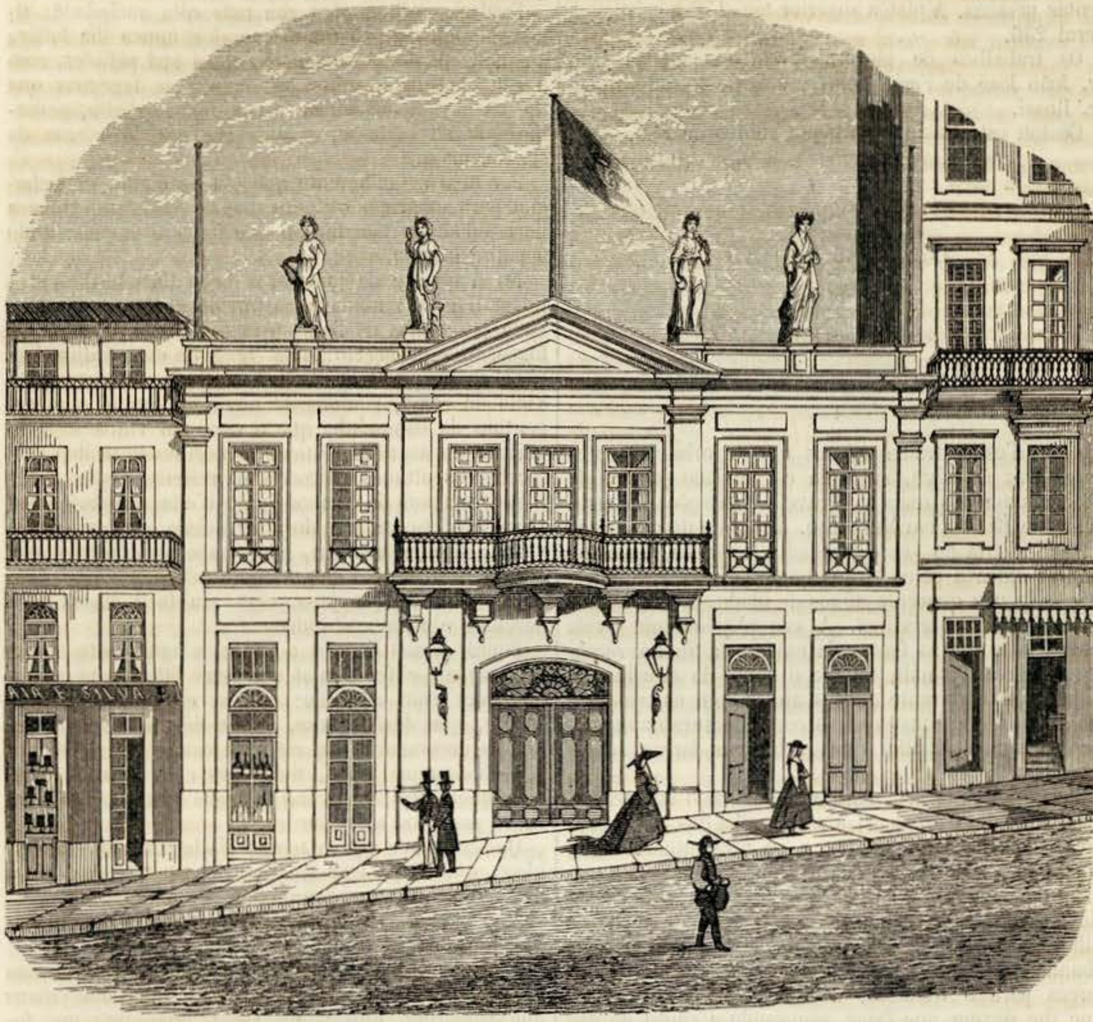
PORTO



Theatro Baquet — Desenho de Nogueira da Silva

Este bonito theatro é propriedade do sr. Antonio Pereira Baquet, que o mandou edificar e lhe deu o seu nome. Está situado na rua de Santo Antonio, que vae subindo com muita elevação desde a praça de D. Pedro, junto da qual tem principio, até á egreja parochial de Santo Ildefonso, onde termina entre a rua de Santa Catharina e o largo da Batalha.

É má localidade esta para um theatro, pois que tem por unico accesso uma calçada bastantemente ingreme, embora larga. Todavia o fundador fez um bom serviço ao Porto, dotando-o com um theatro de declamação, que não desdiz da riqueza e notavel engrandecimento da cidade, ao mesmo tempo que satisfez uma necessidade, por quanto não tinham as companhias dramaticas portuguezas onde representassem dignamente, a não ser no theatro de S. João, alternando-se com as companhias italianas da opera lyrica. Porém uma sala construida expressamente para dar realce ao canto e á musica instrumental, é sempre defeituosa, mais ou menos, para a declamação.

Começaram as obras do theatro Baquet no dia 22 de fevereiro de 1858. As desegualdades do terreno offereciam não pequenas difficuldades, porque a rua de Santo Antonio está na altura de mais de um terceiro andar em relação ao terreno onde se abriram os alicerces do edificio, de modo que foi preciso construir, para servir de base ao theatro, um grande predio, que se compõe de armazens e andares, com portas e janellas para a *viella da Neta*, e que fica subterraneo para o lado d'aquella rua. Não obstante, correram os trabalhos com tal rapidez, que no dia 13 de fevereiro de 1859, por occasião do carnaval, se inaugurou o theatro com um baile de mascaras.

Porém a inauguração solemne, depois de concluidas todas as obras de ornamentação, realisou-se em 16 de julho de 1859 com a representação da comedia drama — *o segredo de uma familia* — original do sr. José Carlos dos Santos, e desempenhada pela companhia do theatro do Gymnasio de Lisboa.

O desenho da fachada do theatro foi feito pelo sr. Guilherme Corrêa; e a planta do resto do edificio pelo proprio sr. Baquet. Á vista da gravura que publicámos é escusada a descripção.

As quatro estatuas, que coroam o edificio, são de marmore, e representam a *comedia*, a *musica*, a *pintura* e as *artes*. A fachada é construida da melhor qualidade do granito em que abundam os arrabaldes da cidade.

A sala do espectaculo não é falta de elegancia, é acha-se decorada com singeleza e bom gosto: porém

tem graves defeitos de acustica, de sorte que, apesar de ser bem proporcionada em grandeza, tem muitos logares onde se ouvem mal os actores.

Conta 82 camarotes repartidos por quatro ordens, incluindo as galerias e varandas, que accommodam duzentas pessoas. A platéa superior tem 178 logares, e a geral 236.

Os trabalhos de pintura foram executados pelo sr. João José de Faria Teibes, e os de doiradura pelo sr. Rossi.

Custou este theatro cincoenta contos de réis.

I. de Vilhena Barbosa.

CHRONICAS DO POVO

IV

O APRENDIZ

(TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO) [1]

I

Uma d'estas tristes scenas que a miseria tantas vezes traz comsigo, succedia em meiado janeiro de 18... n'uma das mais miseraveis habitações do arrabalde de Bariléa em Mulhouse. No fundo de uma agua furtada aberta ao vento por todos os lados, e onde a saraiva entrava pelos vidros quebrados, uma mulher, que teria uns quarenta annos de idade, estava deitada n'uma cama pobrissima. A sua physionomia livida annunciava que as fontes da existencia tinham seccado. A viuva Kosmall, tal era o nome da moribunda, tinha luctado durante muitos annos com as privações mais crueis, e consumido o corpo, naturalmente robusto, n'um trabalho que reclamava forças sobrehumanas.

Pela morte de seu marido tinha ficado sobrecarregada com duas crianças, a mais velha das quaes contava apenas quatro annos; e só accumulando fadigas sobre fadigas, miserias sobre miserias, enganando a fome muitos dias com a esperança do salario do dia seguinte, é que ella conseguíra educar dois filhos. Havia muito tempo conhecia que o vigor a ia abandonando; mas quando lhe faltaram de todo as forças para o trabalho, a maior parte das pessoas que lhe davam que fazer, ignorando a causa do que chamavam negligencia, deixaram de a empregar. Animada e sustida, talvez que a pobre mulher conseguisse dominar o seu mal; assim repellida tornou-se-lhe a lucta impossivel. Uma tarde, entrando mais acabrunhada que de costume na sua agua furtada, lançou uma vista de olhos para a carvoeira e para a despensa, ambas vasias, e disse ao seu filho mais novo, que se chamava Frederico:

— Talvez que Deus tenha compaixão de mim, meu filho; mas estes dias não contes commigo, porque me sinto muito doente. És um bom operario. O director da fabrica é teu amigo; quando souber que a teu irmão e a ti faltam todas as coisas indispensaveis, não terá duvida em adiantar-te alguns jornaes. Bem sei quanto custa fazer pedidos d'estes; mas tu tens animo, Frederico, e Deus disse que era preciso que nos ajudassemos a nós mesmos.

Frederico olhou para sua mãe com anciedade; tinha-lhe faltado pão muitas vezes e nunca lhe fallára d'aquelle modo. Assustou-se com a sua pallidez, com o seu abatimento. Susteve todavia as lagrimas que lhe chegavam aos olhos, aproximou-se d'ella, pediu-lhe que se deitasse, e disse-lhe que ia a casa do sr. Karlmam.

Porém o adiantamento que obteve d'elle, mal chegou para supprir por alguns dias as coisas de primeira necessidade, e não tardou que faltasse de novo tudo á pobre familia.

No dia vinte de janeiro, a agua furtada da viuva Kosmall estava ainda mais fria do que o costume; a vista procuraria de balde a menor brasa de lume no fogãosito semi-aberto; duas velas de cera ardiam em cima de uma mesa velha e carunchosa, collocada proxima da cama, e ainda se ouvia na rua o som argentino da campainha que o sacristão vinha tocando adiante do sagrado Viatico. A moribunda acabava de receber os ultimos soccorros da religião. Os seus dois filhos estavam de joelhos junto d'ella. Frederico parecia absorto na sua dor; Francisco, que era mais velho, chorava tambem, mas conhecia-se que os seus prantos nasciam só da commoção de momento, e por entre esta afflicção passageira era facil descobrir o descuido e a insensibilidade.

Pouco depois de sair o padre, a agonisante tentou levantar-se, e fez signal aos seus filhos para que a ouvissem com attenção; depois, estendendo-lhes os braços, que desfalleciam, tomou-lhes as mãos e puxou-os docemente para cima da cama.

— N'algumas horas, disse-lhes ella, estareis completamente orphãos, e não podereis contar senão comvosco para vos sustentardes.

Quizera viver algum tempo ainda para vos encaminhar; mas Deus leva-me para si por ver que eu já não tenho forças para trabalhar...

Vou morrer... oiçam-me... vou dictar-lhes um testamento de pobre, alguns bons conselhos.

Antes que cheguem á edade de ganhar a sua vida como homens, tem ainda muitos dias maus que passarem. Entretanto, sejam quaesquer que forem as suas necessidades, lembrem-se de que a probidade é a sua unica riqueza. Por muitas vezes, quando ambos estavam gritando com fome, poderia eu ter-me apossado dos bens alheios; mas antes ouvil-os chorar do que commetter uma acção condemnada por Deus. Creio que o futuro lhes ha de ser melhor do que o passado. Tu, Frederico, és bem novo ainda; só lá para o Natal é que fazes quatorze annos; mas possues uma verdadeira fortuna, o amor do trabalho. Mas tu, meu filho, acrescentou voltando os olhos quasi apagados para o mais velho, não te enfades com o que te vou dizer, porque não é uma censura pelo passado, mas uma supplica para o futuro. Toma cuidado em ti, Francisco; não gostas de trabalhar, e o trabalho é, no meio de tudo, o fiador unico de probidade para o pobre. Quando a gente não tem animo de ganhar o pão quotidiano está proximo de o roubar. Fica na companhia de Frederico. É a tua companhia natural, ouve os conselhos que elle te der, não te offendas pela sua superioridade, elle bem sabe que é a Deus que a deve, e por conseguinte não t'a ha de fazer sentir.

Depois, apertando a mão de Francisco, que se conservava immovel entre as d'ella:

— Jura-me, disse-lhe, que te não has de separar de teu irmão, que não has de procurar casa longe da unica affeição que te resta.

---

[1] Mal pensavamos ter de publicar como obra posthuma, a IV e ultima «Chronica do Povo», que havia trasladado para este semanario o nosso assiduo collaborador Rodrigo Paganino!

No dia 22 do mez passado, e na florescente edade de 28 annos, o arrebatou a morte ás letras patrias, em cujos annaes deixou tantas manifestações do seu grande talento e variada instrucção.

Além dos escriptos da sua incansavel penna, enumerados no tom. VII do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio, outros mais havia publicado desde essa data, que todos elles colligidos dariam muitos volumes. Tinha 18 annos quando começou a escrever para a imprensa, e desde então nunca mais levantou mão da penna, que lhe corria com uma presteza incrivel.

N'esta singela commemoração, pagâmos o saudoso tributo de homenagem ao bello talento de tão distincto e esmerado collaborador do *Archivo*.

Francisco, commovido, prometteu chorando, e posto que a sua promessa não fosse sentida, pareceu comtudo satisfazer a moribunda, porque o rosto illuminou-se-lhe com um fugitivo raio de jubilo.

— Morro socegada, disse ella. Oh! meus amados filhos, não vos esqueça quanto tenho soffrido por sua causa, e que quando se lastimavam, entravam-me os seus queixumes no coração; conservem-se unidos n'esta vida como o estiveram no meu amor.

Depois, estendendo as mãos enregeladas para aquellas jovens cabeças que se curvavam ante ella, pronunciava, com voz inintelligivel, algumas palavras que se dirigiam sómente a Deus, e que só elle ouviu. E d'ahi soltou o ultimo suspiro.

No dia seguinte acompanhavam os dois orphãos o cadaver de sua mãe ao cemiterio. Os moços dos enterros, um padre, e as duas crianças, foram os companheiros unicos que a levaram á derradeira morada. Se não fossem as lagrimas de Frederico e de seu irmão, ninguem diria que houvesse parentesco entre elles e a defuncta, pois que a falta de dinheiro lhes não deixára comprar fato de lucto.

II

Entregues só a si, não tardou muito que os dois irmãos não seguissem caminhos differentes. Francisco, em quem a morte de sua mãe tinha causado uma certa perturbação, porque a falta dos que nos acariciam e amam tem o que quer que seja de sensivel, mesmo para os corações mais frivolos, não encontrou outro meio para evitar tristezas senão recorrer a distracções ruidosas. No dia seguinte ao do enterro de sua mãe, estava já no Tavenal com os rapazes da sua edade, escorregando no gelo que havia nas proximidades. Frederico considerou os seus deveres por differente modo: apenas socegou a primeira dor, cuidou em seguir os conselhos de sua mãe trabalhando com coragem. Voltou para a fabrica com os olhos vermelhos, com a fronte pallida, com o coração triste mas resoluto. Como passasse por ao pé d'elle o sr. Karlmam, parou.

— Tens estado muitos dias sem apparecer, disse-lhe, dar-se-ha acaso que queiras perder o habito da pontualidade?

— Estava tratando de minha mãe.

— E então como está ella?

— Morreu, — respondeu-lhe Frederico chorando.

— Pobre rapaz!... E quando morreu?

— Ha dois dias.

— Vae, respondeu o fabricante cedendo a um movimento de terna compaixão, vae para tua casa, Frederico; basta que appareças no fim da semana. Pagar-te-hão como se tivesses trabalhado.

— Muito obrigado, sr. Karlmam, respondeu o rapaz, onde quer que minha mãe estiver agora, ha de agradar-lhe saber que estou trabalhando; obedeço ás suas ordens continuando a ganhar a vida.

O sr. Karlmam passou a mão pela cabeça do moço aprendiz, mostrando-lhe assim o interesse que por elle experimentava, e disse-lhe:

— Entrarás na primeira classe dos aprendizes, Frederico, e vou augmentar-te o salario.

Porém o zelo do orphão não se limitou aos trabalhos da fabrica. O sr. Karlmam annunciou que ia abrir na sua fabrica um curso nocturno, que devia substituir para os seus aprendizes as escholas publicas de que se não podiam aproveitar. Esta noticia encheu Frederico de alegria.

Era o primeiro caminho de instrucção que se abria diante d'elle. Por mais de uma vez ouvira queixar-se sua mãe da ignorancia de que seus filhos não tinham meio algum de sair, e comprehendêra facilmente pelas suas proprias observações a utilidade da instrucção; por isso, quando chegou ao dia quinze de janeiro, em que se devia abrir o curso, partiu para a officina mais disposto do que nunca para trabalhar, e com o coração cheio de generosas resoluções. Em todo o dia a lembrança da noite não o desamparou; anciava por esse momento como pelo da recompensa devida á sua actividade, e não houve dia nenhum em que o trabalho lhe parecesse tão facil.

Mas a pobre criança estava longe de prever, nos arrebatamentos da sua generosa impaciencia, todos os obstaculos que a esperavam no caminho. Só Deus poderia dizer que força de alma lhe era necessaria para vencer os primeiros tedios do estudo, que poder de vontade era necessaria para dominar o seu genio e sujeital-o a trabalho tão novo. Ninguem sabe avaliar o que custa ás crianças pobres a instrucção que conseguem; milhares de obstaculos desconhecidos aos filhos dos ricos vem multiplicar-lhes as difficuldades do estudo. Não ha nada nos preliminares da sua educação que os prepare para trabalhos de raciocinio; a vida para elles resume-se toda em factos materiaes; é n'esta esphera que para elles existem necessidades e magoas.

Frederico então, muito mais do que outro qualquer, achára-se a este respeito collocado em circunstancias as menos favoraveis possivel. Tendo nascido n'uma cidade manufactora, tinha sido posto, logo aos sete annos, diante de uma maquina que se costumou a ver mexer, sem cuidar da relação das differentes partes d'ella. No trabalho que lhe impuzeram, nunca sentiu outras necessidades que a força ou a habilidade manual não podesse supprir. A sua intelligencia devia pois contrair, com o andar dos tempos, habitos de inacção. Já vivia olhando para as coisas, mas sem se demorar em nenhuma senão quando tirava d'ahi motivo de divertimento; porém nunca quando lhe podesse resultar motivo de reflexão. Assim, posto que fosse o aprendiz mais laborioso da fabrica, conservava-se estranho a todo o trabalho de pensamento, e era preciso uma vontade poderosa para fixar o seu espirito sempre vagabundo.

Nos primeiros dias, e por mais que fizesse para o sujeitar, conhecia que o pensamento lhe fugia. Depois a memoria, faculdade que se não adquire e desenvolve senão pelo exercicio continuado, faltava-lhe de todo quasi. Ainda assim, a pouco e pouco, conseguiu contrabalançar as influencias funestas da sua educação primitiva; á força de querer, e de empregar as suas faculdades, conseguiu dominar o pensamento e impor-lhe uma direcção. Apenas conseguiu esta primeira victoria, que sujeitava as suas faculdades intellectuaes ao poder da vontade, pareceu-lhe o estudo mais facil. O que ao principio se lhe apresentava confuso, offereceu-se-lhe desde então com fórmas determinadas; o seu espirito sem demasiado cançaço póde caminhar da causa para o effeito e tirar deducções. Mas para isto quantos esforços occultos foram precisos, quantas difficultosas resistencias foi necessario vencer!

Havia algum tempo já que Frederico e Francisco tinham abandonado a sua agua furtada, para irem morar para casa de uma velha chamada Odile Ridler, que fôra amiga da sua mãe.

Logo que entrou para a sua nova habitação, póde o nosso joven aprendiz aproveitar do fogo e da luz da sua hospedeira, para trabalhar de noite e estudar as lições que lhe passavam. Mas o que lhe aproveitou mais foi um trabalho de que elle mesmo se lembrou. Pediu a Odile que lhe emprestasse um livro de reza, e que lhe dissesse em que logar estava uma oração que elle sabia de cór.

Estudou a figura das palavras, uma por uma, e conseguiu, ao cabo de algumas semanas, distinguil-as perfeitamente umas das outras, sem que o logar in-

disse. D'ahi procurou essas mesmas palavras em todas as paginas do livro e reconheceu-as; segundamente decompô-las em syllabas, e conheceu assim, que já tinha um numero immenso d'ellas á sua disposição, e que para ler a maior parte das palavras só precisava combinal-as diversamente entre si.

Muitas vezes, a meio do estudo, sentia a pobre criança, já quebrada com o trabalho do dia, fecharem-se-lhe os olhos de cançaço; mas imitando, sem saber, um philosopho antigo, fizera com que a velha Ridler, que trabalhava até ás onze horas da noite, lhe promettesse acordal-o quando visse que o somno tomava conta d'elle.

Parte dos domingos era empregada do mesmo feitio. Depois de ter cumprido os deveres religiosos, e dado um passeio, recolhia a casa e não deixava o livro senão á noite, para ir em companhia de Odile passar algumas horas a casa das visinhas.

Uma perseverança tão animosa não podia deixar de produzir felizes e promptos resultados. Pelos fins da primavera já Frederico lia muito correntemente. Tentou então dar algumas lições a Francisco, que não trabalhava na mesma fabrica; porém todos os seus esforços e supplicas foram inuteis.

— Para que serve saber ler a quem anda a fiar algodão? — perguntou elle.

Frederico teve que desistir de vencer a preguiça de seu irmão; mas continuou por sua conta os estudos encetados. Pediu insistentemente ao director da eschola que o passasse para a primeira divisão, onde podia receber noções de escripta e de calculo. Ajudado pelo proprio trabalho, mais do que pelas explicações que recebia, fez progressos tão rapidos n'estes novos estudos, como já fizera na aula da leitura.

Passaram assim dois annos. O senhor Karlmam já lhe tinha augmentado o salario outra vez.

Mas os cursos que havia na fabrica não passavam de leitura, escripta e calculo. Frederico desejava estudar geometria, indispensavel, como já percebêra, para o estudo da mechanica; desgraçadamente porém faltavam-lhe livros e não tinha com que os comprar. Chegou entretanto o dia de S. Jorge, e com elle uma alegria inesperada para o orphão: era dia dos annos do sr. Karlmam. Quando os operarios e aprendizes foram comprimental-o, chamou Frederico, e metteu-lhe uma moeda em oiro na mão.

— Toma lá, meu amigo, disse-lhe. É a recompensa que destinava ao discipulo mais estudioso. Folgo de que tu a merecesses.

Uma moeda em oiro!... Era muito mais do que Frederico ousára desejar; era a realisação dos seus sonhos mais formosos. O pobre rapaz sentiu-se por tal maneira subjugado pela felicidade, que só a sua perturbação pôde dar testimunho do seu reconhecimento.

Duas horas depois estava no jardimsito pertencente á casa de Odile Ridler, sentado n'um banco, e folheando com uma especie de embriaguez alguns livros que tinha diante. Viam-se mil esperanças, mil projectos de futuro transluzirem-lhe nos olhos!... Era feliz pela primeira vez.

III

N'uma tarde de estio, depois de sair da fabrica, fôra Frederico, conforme o seu costume, sentar-se no jardimsito da boa velha Ridler, para ahi estudar descançado, quando a noite o obrigou a fechar o livro. Dirigiram-se os seus pensamentos então, como era natural, para a coisa que mais o interessava n'este mundo; e perguntou de si para si, pela centesima vez, o que seria feito de seu irmão a quem não fallava havia quinze dias. Lembravam-lhe com pezar as derradeiras palavras de sua mãe: «Conservem-se unidos n'esta vida, como sempre o estiveram no meu amor»; e dizia comsigo, que no ceo mesmo que ella estivesse, não poderia gozar de felicidade perfeita visto que a sua ultima esperança fôra illudida.

No seu pezar tinha uma consolação lhe restava; podia fazer-se a justiça de não ter desprezado meio algum para obedecer ás recommendações da moribunda. Não só ajudára Francisco com os seus conselhos, mais ainda não deixára de supportar milhares de privações por causa d'elle. Agora via desgraçadamente, que os seus sacrificios eram inuteis, e que havia almas que se soltam de todos os laços. Estas reflexões entristeciam-n'o profundamente. Contra o seu costume não esperava com impaciencia que Odile Ridler accendesse o candieirito, para elle poder continuar a sua leitura; e dominado pelas suas inquietações passeava nas estreitas aléas do jardim.

De repente uma voz bem conhecida, e que o chamava com modos de precaução, fez-se ouvir a alguns passos. Frederico voltou-se de subito, e viu Francisco, cujo fato despedaçado, cuja physionomia escaveirada e cheia de fadiga, davam bem a conhecer de que modo teria elle vivido desde que desapparecêra.

Frederico olhou para elle algum tempo com expressão de tristeza e de piedade; mas desanimado com aquella vista, e sentindo os receios delicados que fazem com que nos pejemos dos erros alheios, não teve força para encetar conversação.

Francisco, que pelo seu caracter descuidado, não dava peso a similhantes coisas, foi o primeiro que rompeu o silencio.

— Achas-me muito mudado, não é assim? — perguntou-lhe n'um tom que indicava mais a contrariedade do que o remorso. Que queres que te faça, não andei por terras de fadas, desde que te deixei. Mais de um dia me deitei com a barriga vasia.

— Porque estiveste tanto tempo fóra de casa? — perguntou Frederico com hesitação.

— Porque me aborreci de fiar meadas. O contramestre percebeu que não tinha grande quéda para o officio, e poz-me na rua, ha de haver quinze dias, com muito bonitas maneiras.

— Foi uma grande desgraça, para nós principalmente, que não temos senão o trabalho de que viver, mas não era ainda assim razão bastante para te sumires.

— Receava que a velhota cá de casa tambem me pozesse na rua, em sabendo que eu não tinha que fazer.

— Talvez que por meu pedido consentisse em conservar-te. De mais, tu sabes que em quanto eu tiver uma cama e um bocado de pão pódes contar com uma parte.

— Sim, mas tambem contava com uma parte de sermões e já não quero mais. E d'ahi tinha uma certa vontade de correr mundo. Quiz dar um passeio até á Suissa; todos me diziam que era muito bonita e que se vivia de graça por lá; esta condição era muito tentadora, vistas as minhas circunstancias. Mas aquelles montanhezes sempre são uns brutos!... Quando lhes pedia de comer respondiam-me que já estava em edade de o ganhar!... Como se valesse a pena deixar a gente a sua terra para ir trabalhar fóra d'ella.

— Creio bem, respondeu-lhe Frederico com ares sérios, que não ha terra nenhuma em que a gente seja dispensada de trabalhar, e não considero esta necessidade como uma desgraça. Desgraça e verdadeira desgraça é não querer a gente sujeitar-se ao trabalho.

— Pois é muito divertida a tal necessidade. Isso é bom para ti, que és capaz de ensinar juizo ao Padre Eterno. Eu cá parece-me que nasci para ser rico; era o officio que me deviam ter ensinado.

— Ouve-me, disse Frederico, essas coisas são boas

para se dizerem a gracejar; mas bem sabes que não ha de ser por te queixares, que mudarás de posição. É preciso acceital-a como ella é. Não devemos pensar na ociosidade; nós, filhos de operarios, devemos pensar em viver sem as esmolas dos ricos, e foi para isso que a Providencia nos concedeu os braços. Só o fraco tem direito de se queixar, pois que o trabalho é facil para quem tem saude e força.

— Não te disse já, tornou-lhe Francisco com mau humor, que fui despedido da fabrica? Para que me serviria pois ter amor ao trabalho, se não tenho que fazer?

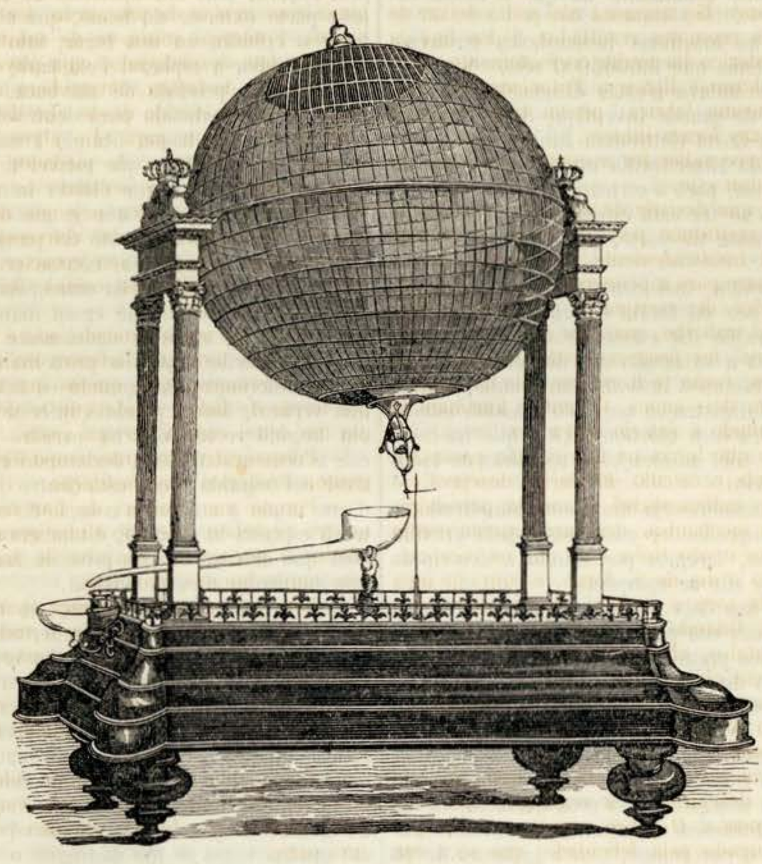
— Ha em Mulhouse outras fabricas além d'aquella em que trabalhavas; se tiveres boa vontade has de encontrar occupação.

— Queres que vá de porta em porta perguntar se precisam de mim? É bonito o papel que me destinas.

— Achas talvez mais bonito pedir esmola pela rua. Mas visto que te enfadam essas diligencias, fal-as-hei eu em teu logar. Amanhã de manhã fallo ao sr. Karlmam, e talvez que elle te admitta. Convem-te isso?

— Que remedio ha senão convir-me.

Frederico não quiz prolongar uma conversação penosa; de mais, Francisco parecia cançado. Disse-lhe que se recolhesse para casa. A velha manifestou por modo pouco agradavel ao vagabundo, como estava admirada de o ver voltar, e disse-lhe que fosse procurar asylo n'outra parte; mas Frederico intercedeu por seu irmão, e obteve licença para lhe dar metade da sua ceia e da sua cama.



Novo machinismo para a extracção das loterias da Misericordia de Lisboa

D'este modo começava Francisco a conhecer que a influencia de Frederico se estendia sobre elle como uma protecção.

A noite que se seguiu ao regresso do desertor foi bem differente para os dois irmãos.

O mais velho dormiu socegadamente sem cuidar no dia seguinte, e o somno de Frederico foi perturbado por mil pensamentos inquietos. Estava tremendo da maneira por que o sr. Karlmam acolheria o seu pedido.

No dia seguinte de manhã foi e mais Francisco ter com o seu director, e fez-lhe o pedido com voz tremula. Desejava occultar o mau comportamento do irmão; porém quando o sr. Karlmam lhe perguntou porque deixára seu irmão a officina em que andava trabalhando, Frederico contou toda a verdade, porque não sabia mentir.

— São bem tristes antecedentes, disse o director da fabrica, abanando a cabeça; todavia, accrescentou elle voltando-se para Francisco, sempre te admitto em minha casa; mas não te esqueça que é por attenção para com teu mano, cujo exemplo te aconselho que sigas.

N'esse dia ainda, como já na vespera succedêra, era outra vez pela recommendação de uma criança de menos edade que o admittiam; mas no coração de Francisco nenhum sentimento de brio se vexava com estas coisas, e quando se achou só na escada com seu irmão disse-lhe com um modo despejado:

— Pelo que vejo és grande personagem por cá. Quando quizer alguma coisa já sei a quem me hei de dirigir.

— Cumpro com os meus deveres e levam-me isso em conta, respondeu Frederico; aqui está todo o segredo da minha influencia.

(Continúa)

NOVO MACHINISMO PARA A EXTRACÇÃO DAS LOTERIAS DA MISERICORDIA

Querendo a mui zelosa e illustrada administração da Santa Casa da Misericordia d'esta capital, alterar o antigo systema das rodas, pelas quaes, desde muitos annos, se fazia a extracção das loterias da Misericordia, mandou buscar a Madrid o desenho das machinas que alli se tinham inventado, por lhe constar que eram as melhores que se conheciam. Veiu o desenho, mas reconheceu-se que não satisfazia ao intento da illustrada administração, que era extrahirem-se as espheras sem se lhes tocar senão quando estivessem fóra da roda, para se apregoarem os numeros. Nas machinas hespanholas tiravam-se as espheras com uma especie de baleira, que um homem mettia n'um globo similhante ao que a nossa estampa figura.

Além d'isto, as machinas hespanholas custavam muito caro. Ouvimos que 6:000$000 réis.

Em quanto se andava n'estas diligencias, um artista portuguez, de grande inventiva, o sr. Joaquim Pedro Ribeiro da Costa Holtreman Junior, apresentou á administração da Misericordia uma pequena machina, mui engenhosa, para o sorteamento das côres dos bilhetes, quando se fez esta innovação, que segundo parece fôra já posta de parte, por não ter sido do agrado publico.

A machina, porém, mereceu a approvação unanime, e revelava por tal fórma o engenho do auctor, que a administração lhe encommendou o plano da que desejava para a extracção dos numeros.

Fez o sr. Holtreman o desenho em grande, e tanto a contento da administração que lh'o mandou executar, o que elle fez com tão bom exito, que ha cinco loterias trabalha com admiração e applauso de todos quantos a tem visto.

Como o machinismo seja um tanto complicado, e se não possa comprehender unicamente pela gravura que apresentâmos, faremos por miudo a descripção das peças de que elle se compõe.

As principaes são dois globos que tem de diametro 94 centimetros; um para o sorteio dos numeros, e outro para o dos premios. Como ambos são eguaes, damos o desenho de um só.

Cada globo tem no seu diametro, em linha horisontal, um aro de ferro batido, d'onde saem dois moentes, exactamente no vertice, que é o ponto de apoio para a sua rotação.

Os globos tem nos polos uns aros de latão, de 22 centimetros de diametro. Os arames em linha vertical que fórmam o cavername, tem a grossura de 10 millimetros junto ao aro de latão que está sobreposto ao de ferro. Todos estes arames são amisulados para os polos, e a sua maior grossura termina no aro de latão do seu diametro, onde estão soldados.

Ha outros arames de menor grossura que os do cavername, que fórmam as secções entre as cavernas, em circumferencia horisontal, os quaes vão diminuindo para os polos na mesma proporção que os verticaes. As secções de maior diametro são as que ficam parallelas ao aro do diametro horisontal; tem 7 millimetros de grossura, e vão todas diminuindo nos diametros, nos intervallos, e no comprimento de uma a outra caverna; diminuindo tambem os espaços dos 10 furos que tem cada secção, e a grossura dos furos, porque, da mesma maneira, os fios verticaes que fórmam a rede dos globos entre as cavernas, diminuem 1 ½ millimetro junto ao aro do diametro, até ao polo onde terminam com menos de ½ millimetro.

Estes globos tem nos polos um bocal, que se desatarracha para se lhes deitarem para dentro as espheras da loteria, que são de buxo, e tem de diametro 22 ½ millimetros. Cada meio globo póde levar 16:800 espheras.

Os bocaes tem 19 centimetros de comprimento, e perto da extremidade um tubo que lhe passa através, onde gira um cilindro de 24 millimetros de comprido, e 23 ½ de diametro, com a concavidade necessaria para receber uma esphera. Na face do topo de cada cilindro ha um florão aparafusado, para quando o globo fizer o movimento de um sexto de rotação, a esphera que estiver dentro cair, e não se afastar a concavidade do cilindro com a direcção do bocal. Estes dois florões tem duas hastes de aço, para quando o globo descreve a sua rotação ellas acharem a resistencia de uma espera que está fixa no plintho do machinismo, e fazerem rodar o cilindro. As hastes dos cilindros, quando acabam de passar pela espera, tem um aparelho de aço, e uma mola pela parte exterior do bocal, que obriga as hastes a levar o cilindro ao seu logar, isto é, á posição de poder receber a esphera. Pela parte superior do cilindro tem um pendulo de alavanca, com a parte de resistencia introduzida para dentro do bocal, em angulo recto á sua haste, ficando 1 millimetro superior ao vertice da esphera que estiver dentro da concavidade do cilindro; a que estiver immediata não póde entrar para elle, sem que o globo tenha dado tres partes de rotação do ponto de partida perpendicular ao centro da cornucopia, não se podendo afastar da mesma posição, porque ha outro pendulo superior que tem a sua resistencia de egual maneira para o interior do bocal, superior egualmente á resistencia do pendulo inferior, como o primeiro está ao cilindro: com a differença, que quando os bocaes estão em linha vertical, tem o pendulo inferior a sua resistencia em angulo recto com as paredes do interior bocal, e com a sua haste, separando a esphera que estiver em seguida á que está dentro do bocal, evitando d'este modo o attrito da rotação do cilindro de encontro á esphera immediata, e tambem o grande impulso com que ella sairia pela pressão das outras espheras que estiverem na sua vertical.

Este segundo pendulo tem, ao contrario do primeiro, a especialidade de receber em posição vertical uma esphera, e conforme o globo vae girando, egualmente vae resaindo a parte resistente d'este pendulo para o interior do bocal, antepondo a sua resistencia á esphera que estiver sobre o primeiro pendulo, assim como está aquell'outro; de maneira que, quando dá pouco mais de um quarto de rotação, é quando a esphera que está entre as duas resistencias quer recuar para dentro do globo; o que o observador vê perfeitamente, e até muitas vezes se lhe distingue o numero que tem gravado. Esta esphera é que dá a sorte, por ser a primeira a sair; porque, quando o globo dá meia rotação, este bocal fica na vertical do que está no polo opposto (posição d'elle receber a esphera como recebeu o que está superior); e quando o pendulo inferior, desamparado pela posição vertical que o globo toma, descaiu o braço para ávante, descrevendo um quarto de circulo no seu eixo, deixa o interior do bocal livre até ao cilindro, para a esphera rodar para dentro d'elle, logo que o globo der pouco mais de um quarto de rotação, posição obliqua, favoravel para a esphera poder rolar para dentro do cilindro. Immediatamente o pendulo superior muda de posição, bem como o inferior, deixando o interior do bocal livre para receber a esphera.

A primeira esphera que entrar quando o globo estiver fazendo a sua rotação, vae juntar o vertice com a que está no cilindro, mas isto quando já a parte de resistencia do pendulo inferior está empregando a sua força na esphera immediata; e á medida que o globo vae completando a sua rotação, vae o primeiro pen-

dulo alliviando a esphera immediata, porque o peso da sua haste vae buscando o centro de gravidade.

Quando o globo está quasi completando a sua rotação, as hastes do cilindro acham a resistencia da espera; a mola cede; e as hastes fazem que o cilindro dê um sexto de rotação, deixando sair a esphera que tinha dentro, ficando a immediata suspensa pelo pendulo inferior, como já se disse.

Para se deitarem para dentro dos globos as espheras competentes á extracção, tiram-se as cruzetas das esperas; depois prendem-se os pendulos com uns grampos, para evitar que tenham movimento ou acção para agarrarem as primeiras espheras que entram nos bocaes. Feito isto dão-se algumas rotações aos globos, para se ver que estão desempedidos; depois pára-se; desatarracham-se os bocaes da parte superior, e por elles se deitam as espheras, tornando-se depois a atarrachar os bocaes.

Para girarem os globos carrega-se n'um pistão de metal que ha no pavimento junto de cada machina; e logo começa a rotação, revolvendo-se as espheras, tanto dos numeros como dos premios, simultaneamente. Depois carrega-se no pistão de parar que está a par do de mover. Tiram-se então os grampos que prendiam os pendulos dos bocaes; dá-se outra vez aos globos um movimento de meia rotação, para as espheras entrarem no seguimento dos cilindros; pára-se depois para collocar as cruzetas nas hastes das esperas; e a final, carregando-se no pistão de mover, começa a extracção com toda a regularidade, saindo simultaneamente as espheras dos numeros e as dos premios.

Os globos que temos descripto giram entre quatro columnas, com seu entablamento, tudo de metal doirado e lavrado, baseando-se n'um plintho de pau santo, guarnecido de latão, tendo em volta uma balaustrada, com um seraphim lavrado em cada intervallo dos balaustres. Toda esta machina tem pouco mais de 1 metro de altura.

No centro do plintho ha uma corrediça de latão, onde se gradua o pedestal que em cima tem um golphinho que sustenta com a boca a cornucopia de vidro que recebe a esphera quando cáe do globo, rolando para dentro de uma concha, tambem de vidro, d'onde a toma o encarregado de apregoar o numero que ella tem escripto. Outro pedestal entre as columnas prende o braço da cornucopia, e a gradua com certa inclinação para a esphera não correr com muita velocidade para a concha de vidro, que fica encostada ao plintho, e da parte de fóra, assente sobre um ornato de metal.

A espera de que se tem fallado, é uma pequena columna de metal, que se aperta ao plintho, mais ou menos para ávante, conforme convier. Tem uma haste de aço que entra na columna, e se gradua com toda a attenção, por ser a que dá o movimento para a saida das espheras. Na extremidade d'esta haste tem um furo quadrilongo para se lhe metter, no acto de se extrairem as espheras, uma roseta de aço com um carrete na extremidade, para ser mais suave a passagem das hastes dos bocaes.

Dá elegancia a estas machinas ter um entablamento de metal doirado, com as armas da Santa Casa da Misericordia em relevo, e em duplicado, unidas costas com costas, formando assim um vão para encobrir as chumaceiras de bronze e os moentes onde giram os globos, e tambem as rodas de entrosar que estão fixas nos moentes dos globos.

O movimento dado a ambos os globos é por meio de um volante de ferro fundido, cujo impulso lhe imprime um homem.

Este volante transmitte o seu movimento ao cone que está no tecto de uma casa inferior, e d'este cone o transmitte a outro que ha na extremidade de um veio de ferro, o qual se prolonga por entre o sobrado da casa em que se faz a extracção, indo formar angulo recto com um terceiro cone que dá movimento parallelo aos globos.

Este impulso motor no encruzamento, é dado por um parafuso sem fim a uma roda da mesma especie da que está ao centro do veio. Na extremidade d'este veio ha uma roda de entrosar que dá movimento a uma cadeia que passa por dentro das columnas dos globos, e lhes transmittem o movimento de rotação.

No estrado da cadeira da auctoridade que preside á extracção, ha tambem, aos lados, um pistão de parar e outro de mover, para que ella possa suspender a extracção, quando por qualquer motivo o quizer fazer.

Tal é o machinismo, todo de fabrica e invenção portugueza, com que a extracção da loteria se faz agora sem a minima suspeita de fraude.

O auctor, o sr. Holtreman, mancebo mui talentoso em mechanica, é, póde dizer-se, um curioso, porque não pertence a nenhum officio ou arte de profissão. Tem uma officina de forjar e tornear, na rua direita de Arroios n. 207, onde se executam os seus desenhos de pequenas machinas e peças delicadas. É falto de meios pecuniarios, e lucta com grandes difficuldades para poder manifestar o seu genio inventivo.

Sabemos que consumiu muitos mezes para conseguir que na sua acanhada officina se podessem fazer os instrumentos, apparelhos e peças para o machinismo da extracção das loterias.

Peza-nos que um moço de tanto merecimento, e tão laborioso, não seja mais conhecido, para que o seu prestimo possa ser utilisado em proveito das artes, e d'elle mesmo.

Estamos certos porém, que o engenhoso machinismo que acaba de fazer para a extracção das loterias da Misericordia, e que tem sido visto e examinado por muita gente, lhe ha de grangear nome entre os industriaes portuguezes.

FERNÃO DE MAGALHÃES

(Vid. pag. 233)

Vinha Fernão da India para o reino em certa nau. Aconteceu dar a embarcação nos baixos de Angediva. Não desamparou Fernão de Magalhães o navio, antes com sua prudencia e a auctoridade de seu animo esforçado conteve a guarnição até que vieram soccorrel-a n'esse lance. O capitão da nau propunha ao brioso portuguez que n'uma canoa se salvasse. Acceitára Magalhães o alvitre, com tanto que levasse comsigo um seu companheiro, com quem, apesar de menos illustre por nascimento e condição, tinha trato de amizade. Oppoz-se o capitão a que na barca se salvasse tambem o amigo de Magalhães; e Fernão, por um acto de generosa abnegação e de fidalga humanidade, antes quiz preparar-se para morrer, salvando o que devia á obrigação, do que comprar a vida por tão baixo preço de egoismo.

Achou-se Fernão de Magalhães na primeira empreza de Malaca com Diogo Lopes de Sequeira, e não desmentiu n'esta façanha gloriosa das armas portuguezas, os loiros que, por outras acções, lhe cingiam a fronte juvenil.

Em Azamor, saindo uma vez a saltear os moiros, recolheu-se á praça com mais de oitocentos prisioneiros e copioso despojo dos inimigos, custando-lhe a facção uma lançada de que veiu a ficar com alguma deformidade no andar.

Depois de cruzar os mares, de pelejar na Africa e na India, julgou serem bastantes os serviços que pres-

tára, para que el-rei lhe concedesse em galardão um accrescentamento na moradia, que, como fidalgo da sua casa, recebia.

Era D. Manuel grande remunerador de bons serviços, e mórmente dos que eram praticados nas conquistas, em cujo progresso, primeiro que tudo, se empenhava. Mas D. Manuel era rei, e ainda que monarcha absoluto no governo, sempre havia de ter ilhargas, por cuja conta corresse o afrouxar ou cerrar a bolsa da real munificencia. Desde que houve reis e cortes, houve tambem logo invejosos e cortezãos, que se adiantavam ao throno para tomar o passo aos benemeritos. Que muito é pois que o soldado que voltava da Africa e da India, com petição tão justa quão modesta, achasse, ao entrar nos paços, quem fosse segredar a el-rei umas sonhadas malversações, uns senões calumniosos, com que a intriga de aulicos e o ciume de espiritos mesquinhos intenta sempre deslustrar a maior virtude e embaciar o mais peregrino entendimento?

Tambem Cervantes jazeu nos ferros de Castella, por lhe arguirem más contas no officio que servia, e não lhe valeu contra a inveja nem o tiro de arcabuz, com que ficára manco, desde a jornada de Lepanto, nem o ser principe dos engenhos hespanhoes do seu tempo e porventura dos seculos vindouros.

El-rei D. Manuel, em vez do despacho que Fernão de Magalhães sollicitava, ordenou que voltasse á Africa a justificar-se das accusações que lhe faziam.

Soffreu o illustre portuguez o desaire do mau despacho, e a affronta ainda maior de lhe taxarem a honra com suspeitas. E determinando de passar á Africa, d'alli volveu pouco depois trazendo as provas que testimunhavam a falsidade das imputações. Tornou a requerer, o que sem petição lhe devia attribuir a justiça da corte, se corte e justiça não andassem desavindas desde tempos immemoriaes. Atravessaram-se os invejosos, e el-rei, cerrando os olhos ao merecimento, dizem que foi premiar pelos feitos de Magalhães os que n'elles tiveram menor parte.

Fernão de Magalhães era portuguez, mas antes de ser portuguez era homem, e homem que se sentia interiormente predestinado para altas emprezas e glorias immortaes. Podia dissimular então a injuria, indo novamente á India vingar-se, morrendo pelo rei, que assim o tinha aggravado. Fernão de Magalhães, a quem davam realce os espiritos elevados com que o dotou a natureza, entendeu que patria e rei, que de si o demittiam, negando-lhe o honesto salario de seus serviços, e trocando-lhe o premio pela indifferença, não eram rei nem patria a quem se devesse fidelidade. De mais, o portuguez esclarecido trazia já na mente a traça do grande commettimento que devia illustrar o seu nome, e vinculal-o perennemente nos fastos das nações. Se lhe negavam tres cruzados por anno, para os quaes tinha posto a juros a sua espada na India, e o seu sangue em Azamor, o que não havia de ser, quando elle pedisse a el-rei que lhe désse dois navios para ir correr os mares e descobrir novos dominios á coroa de Portugal? Como havia de fiar a sua futura gloria de quem já lhe punha abertamente em duvida a passada fama de suas façanhas? Claro estava que não havia de ser mais bem succedido na petição de heroe do que fôra então na de requerente e de soldado.

Eis-aqui como Gaspar Corrêa, na simplicidade do seu estilo e na incorrecção habitual da sua linguagem, narra a petição de Magalhães, e o mau despacho del-rei:

«...; o qual Fernão de Magalhães indo ao reino, allegando a el-rei seus serviços e pedindo em satisfação que lhe acrescentasse cem réis em sua moradia por mez, o que lhe el-rei denegou, por lhe não caír em graça, ou porque assim estava permittido que havia de ser; Fernão de Magalhães d'isso aggravado, porque o muito pediu a el-rei e elle o não quiz fazer, lhe pediu licença para ir viver com quem lhe fizesse mercê, em que alcançasse mais dita que com elle. El-rei lhe disse que fizesse o que quizesse; pelo que lhe quiz beijar a mão, que lhe el-rei não quiz dar.» [1]

Fernão de Magalhães desnaturalisou-se de portuguez, e foi-se a Castella pedir que o inscrevessem alli como cidadão.

Fez mal? Fez bem?

Castella era n'aquelle tempo, como antes, como depois, a inimiga de Portugal, ainda quando a paz dissimulava nas apparencias da concordia a hereditaria hostilidade das duas coroas peninsulares, que aspiravam á exclusiva supremacia. Castella era a émula de Portugal nas conquistas transatlanticas. Castella era na Europa a nação perpetuamente cubiçosa da estreita orla occidental que as lanças portuguezas haviam sempre defendido contra os partidarios da unidade hispanica; era nos mares o estado que comnosco litigava o imperio e poderio. Renegar a patria e ir-se a Castella era tão feia acção como na antiguidade o acolher-se um atheniense ou um spartano á corte dos reis da Persia, depois de haver contra elles pelejado em Marathona ou em Plateia.

Desnaturalisar-se de portuguez e ir offerecer a sua espada aos reis catholicos era por ventura maior sacrilegio, então, do que renegar a pureza da verdadeira fé, e transviar-se nos erros de Luthero e de Calvino.

No portuguez não foi para ser louvada a represalia: No homem que havia de pertencer á civilisação e á humanidade mais do que aos estreitos limites da sua patria, podêmos relevar o impulso da offendida dignidade e do amor proprio justificado.

Para ser portuguez havia de ver menosprezada a sua gloria e mal galardoados os seus feitos. Para não faltar á religião da patria havia de faltar á religião de honra: havia de devorar as affrontas em silencio, e reprimir no peito os rebates da sua varonil indignação. Para ser portuguez havia de votar-se talvez para sempre á obscuridade, e ver frustrado o seu empenho de conquistar para si um nome illustre, a par de quantos houve mais distinctos na historia das modernas navegações.

Com a fidelidade de Fernão de Magalhães lucrava a patria e o rei um natural e um vassallo. Mas perdia o drama glorioso dos descobrimentos transatlanticos um eminente personagem, Portugal um nome venerando, a moderna civilisação um d'estes fervorosos operarios que da espada e do navio tem feito os mais poderosos instrumentos do progresso.

Fernão de Magalhães pagou-nos generosamente o desamor e affronta de renegar-nos. Servia a Castella quando circumnavegava o globo. Mas o nome de Magalhães ficou sempre portuguez, e a gloria das suas navegações ha de ser perpetuamente gloria tambem de Portugal.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

O imperador Trajano, de alcunha «O herva parietaria» (porque em todos os edificios que fez mandou pôr o seu nome na parede), estando de partida contra os Dacios, ao passar uma rua de Roma, lhe saíu uma viuva clamando justiça contra os homicidas de um seu filho. E o cesar desmontando do cavallo, a ouviu benignamente, e satisfez a seus desejos.

P. Manuel Bernardes

[1] *Lendas da India* por Gaspar Corrêa tom. II. part. II. p. 625, 626. Escrevemos a citação com moderna orthographia, porque não participâmos do respeito supersticioso pela escripta barbara, nem professâmos a religião da cacographia.